



## **Jogos africanos no ensino de África e da cultura afro-brasileira: ferramenta pedagógica na educação inclusiva**

GUILHERME LIMA SILVA JÚNIOR\*\*

VANESSA CRISTINA MENESES FERNANDES\*\*\*

O presente trabalho visa relatar o resultado do projeto “Jogos Africanos: Ensino de História da África e Cultura africana” desenvolvido pelo PIBID/UESB/HISTÓRIA/CIENB que teve como um dos objetivos apresentar a formação da sociedade e da cultura brasileira, ressaltando sua conexão com a história da África, por considerar que os povos africanos contribuíram para a formação da sociedade brasileira. Deste modo, faz-se necessário sabermos mais sobre o referido continente, de modo a incentivar a pesquisas e os estudos a respeito da história da África e dos afro-brasileiros, no sentido de romper com preconceitos e discriminações existentes na abordagem dessa temática. Desta forma, esse trabalho possui o objetivo também de analisar as dificuldades encontradas no ensino de África e cultura afro-brasileira, bem como a utilização dos jogos africanos como ferramentas que possam facilitar o ensino-aprendizagem no ambiente escolar, inclusive como possibilidade de trabalhar a educação inclusiva. Assim, as discussões acerca deste assunto são salutares para refletirmos sobre as possibilidades destas ferramentas no auxílio do ensino de História da África.

**Palavras-chave:** ensino de África e Cultura Afro-Brasileira, Jogos, Educação Inclusiva.



---

\*\* Graduando do curso de História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e bolsista do programa PIBID da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). *guiga\_jr99@hotmail.com*

\*\*\* Mestrado em educação (UESB), professora do departamento de história da UESB da área de metodologia do ensino de história. *nessacmf11@hotmail.com*



## INTRODUÇÃO

A experiência promovida pelo projeto “Jogos e Corpo: História e Cultura Africana” desenvolvido no Centro Integrado de Educação Navarro de Brito (CIENB), aplicado nas turmas do ensino fundamental no ano de 2015 pelo subprojeto História do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Vitória da Conquista. O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência em convênio com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB, intitulado na UESB, Microrre de Ensino-Aprendizagem-Formação, tem como objetivo do estágio curricular, assimilar um desenvolvimento de uma vivência pratica-pedagógico, aproximando o acadêmico da veracidade de sua área de formação e auxiliar a compreender os diferentes métodos que gerenciam sua função. Além disso o trabalho com jogos nos possibilitou incluir os alunos que necessitam da educação especial.

O estágio tem o papel de inserir o acadêmico em um local de aproximação real entre a universidade e o meio de convívio ao qual está submetido, possibilitando uma integração a sua realidade social e a participação no andamento do desenvolvimento regional. Torna-se um item imprescindível para a formação dos iniciantes em graduação. Os estágios concretizam a afirmação da aprendizagem como processo pedagógico de estruturação de conhecimentos, aperfeiçoamento de competências e habilidades sob processo de supervisão. O programa de iniciação à docência possibilita a troca de experiências entre os acadêmicos e os estudantes da educação básica, bem como, o intercâmbio de novas ideias, conceitos, planos e estratégias. Desta forma, o programa possibilita uma interlocução entre a instituição acadêmica e os espaços de atuação da educação básica. Outro fator relevante é que as escolas recebem, em atendimento à lei, recebem alunos com deficiência, contudo ainda muito profissionais não se sentem adequadamente capacitados para trabalhar a inclusão, a possibilidade do uso dos jogos africanos como ferramenta pedagógica de auxílio ao ensino de história da África, tem o potencial de abarcar estudantes que apresentem estas demandas educacionais mais específicas.



O projeto “Jogos Africanos: Ensino de História da África e Cultura africana” desenvolvido no PIBID/UESB/HISTÓRIA/CIENB inspirado no projeto efetuado pela professora Elizabeth Silva de Jesus (2011) em um colégio público da cidade de Salvador (BA), que através do jogo mancala<sup>1</sup> disseminou seus conhecimentos sobre história e cultura africana. Posteriormente, este trabalhou tornou-se sua dissertação de mestrado na UFBA. Partindo do aporte teórico de Lev Vygotsky, Silva acredita que a brincadeira possui um papel imprescindível no desenvolvimento cognitivo da criança. Segundo Vygotsky (1991), se faz necessário que o professor enfatize a importância de se investigar as necessidades, motivações e tendências que as crianças manifestam e como se satisfazem nos jogos, a fim de compreendermos os avanços nos diferentes estágios de seu desenvolvimento. Desta forma, o indivíduo será capaz de gerar situações para que os conhecimentos e valores sejam absorvidos e afirmados através de exercícios no espaço imaginativo. Assim, o jogo tornar-se um meio de desenvolvimento social, intelectual e emocional para o aluno em virtude de seu papel psicológico.

Desta forma, o projeto “Jogos Africanos: Ensino de História da África e Cultura africana” teve como principal objetivo apresentar que a formação da história da sociedade brasileira está fortemente ligada com a história da África (um dos povos que contribuíram para a formação do povo brasileiro). Motivos como esse fazem elevar a necessidade e a relevância de sabermos mais sobre o continente africano, passando a incentivar a pesquisas e estudos a respeito da história da África e dos afro-brasileiros e romper com preconceitos e discriminações existentes na abordagem desta temática.

### **A NECESSIDADE DE ADEQUAÇÃO A EDUCAÇÃO INCLUSIVA VISANDO UM ENSINO MAIS IGUALITÁRIO**

De acordo com o censo de 20 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Brasil existem 45,6 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência, representando uma porcentagem que chega a 23,92% da população brasileira.

---

<sup>1</sup> Jogo originado no Egito, por volta de 3500 a 4 mil anos, tem como objetivo movimentar as peças no sentido de “semeadura” e “colheita”. Cada jogador é obrigado a recolher sementes e com elas semeá-las suas casas do tabuleiro, mas também as casas do adversário. O mancala é praticado em geral sobre tabuleiros de madeira, que contém duas ou mais fileiras de concavidades alinhadas (casas). Uma solução mais rural seria a utilizada pelos garotos africanos, que simplesmente escavam seus tabuleiros no chão. As peças são tradicionalmente sementes secas ou pequenas conchas.



O Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência (CONADE) criado 1 de junho de 1999, através do Decreto 3.076/1999, objetiva fazer com essa população possa ter acesso ao processo de definição, planejamento e avaliação das políticas destinadas à pessoa com deficiência. O órgão é responsável pelo acompanhamento e avaliação de políticas que visem o caráter de inclusão e acessibilidade e das políticas setoriais de educação, saúde, trabalho, assistência social, transporte, cultura, turismo, desporto, lazer e política urbana dirigidos a esse grupo social.

As deficiências demonstradas pelos indivíduos podem ser de origem nata ou adquirida, com tipos e graus dissemelhantes. Assim, notamos que tornar-se essencial o processo de investigação e o entendimento da memória desses sujeitos, a fim de avaliá-los e adequar os recursos necessários para potencializar o seu desenvolvimento.

Segundo o Ministério da Educação (MEC):

De acordo com a limitação física apresentada é necessário utilizar recursos didáticos e equipamentos especiais para a sua educação buscando viabilizar a participação do aluno nas situações prática vivenciadas no cotidiano escolar, para que o mesmo, com autonomia, possa otimizar suas potencialidades e transformar o ambiente em busca de uma melhor qualidade de vida." (MEC, 2006, p. 29)

É imprescindível ressaltar que por vezes a deficiência física também se apresenta associada a outras patologias. Dentre as quais, temos privações sensoriais, deficiências mentais, autismo e outros, os quais podem levar a comprometimentos em aspectos relacionados à linguagem, prejudicando a comunicação. Dentre essas privações, podemos destacar as:

I- dificuldades acentuadas de aprendizagem ou limitações no processo de desenvolvimento que dificultam o acompanhamento das atividades curriculares compreendidas em dois grupos:

a) aquelas necessidades não vinculadas a uma causa orgânica específica;

b) aquelas relacionadas a condições, disfunções, limitações ou deficiências;

II- dificuldades de comunicação e sinalização diferenciada dos demais alunos demandando a utilização de linguagens e códigos aplicados;



III- altas habilidades/superdotação, grande facilidade de aprendizagem que os levam a dominar rapidamente conceitos, procedimentos e atitudes.

Segundo Bersch e Machado (2006), a situação da educação escolar não se resume a perspectiva didática-pedagógica, assumindo assim um caráter socioafetivo. O educando deve-se sentir acolhido pelo meio social, e notar que a diversidade não apresenta como uma barreira e sim como uma provocação de todos no encadeamento de políticas e práticas socioeducacionais.

Este tipo de tecnologia é conceituado por Bersch (2007) como uma expressão utilizada para identificar todo arsenal de recursos e serviços que contribuem para proporcionar e/ou ampliar habilidades de pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. São esses recursos humanos (docentes qualificados) que possibilitam aos alunos a autonomia, segurança e a comunicação para que esses educandos possam ser inseridos nas classes regulares.

Neste sentido, Bersch e Machado (2006), consideram:

A educação inclusiva traz consigo o desafio de não só acolhermos os alunos com deficiência, mas de garantirmos condições de acesso e de aprendizagem em todos os espaços, os programas e as atividades no cotidiano escolar. Por isso, o atendimento educacional especializado aparece como garantia da inclusão e, a tecnologia assistiva como ferramenta, que favorece este aluno a ser atuante e sujeito do seu processo de desenvolvimento e aquisição de conhecimentos. (Bersch e Machado, 2006 – Módulo 2 – Tecnologia Assistiva).

A educação inclusiva apresenta diversas propostas para a capacitação do educador, para que assim ele seja capaz de cumprir com as demandas da acessibilidade educacional. Dentre elas podemos destacar: perceber as necessidades educacionais especiais dos alunos; flexibilizar a ação pedagógica nas diferentes áreas de conhecimento; avaliar, continuamente, a eficácia do processo educativo; atuar em equipe, inclusive com professores especializados em educação especial. Essa definição, no âmbito pedagógico, relaciona-se com a ajuda que pode ser proporcionada a alunos e professores e está contemplada no parecer CNE/CEB número 17/2001:



[...] Todos os alunos, em determinado momento de sua vida escolar podem apresentar necessidades educacionais especiais, e seus professores em geral conhecem diferentes estratégias para dar respostas a elas. No entanto, existem necessidades educacionais que requerem, da escola, uma série de recursos e apoios de caráter mais especializados que proporcionem ao aluno meios para acesso ao currículo.

## **O ENSINO DE ÁFRICA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA COMO OBJETO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

O projeto faz parte das atividades propostas como forma de atender à Lei 10.639 determina o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nos ensinos fundamental e médio. E a Lei 11.645, estabelecida somente cinco anos depois da primeira determinação, concebe como obrigatório também o ensino de História e Cultura Indígena. Deste modo, a legislação que está em vigor atualmente em nosso país, enfoca a necessidade de mudanças nas formas de abordagem sobre os temas relacionados à África e suas diversidades no método educacional vigente.

Os fatores que agravam a ineficácia no processo de ensino e aprendizagem da história africana estão vinculados aos preconceitos adquiridos como resultado de uma sociedade que foi escravista. Essas informações racistas e equivocadas a respeito da temática produzem um efeito tão devastador e alienador, que ao expormos algo novo a respeito da África como sua multiplicidade cultural, muitos estudantes têm dificuldades em acreditar que ali se trata do continente africano.

A exclusão da história da cultura africana e afrodescendente é mais um reflexo da dívida histórica, que tem como um dos efeitos, a pouca presença do africano na história nacional. Ensinar história é um exercício desafiador. Vale ressaltar que a dúvida é a força motriz que move a história, são os questionamentos.

Segundo Munanga (2005), o resgate e valorização das raízes dos diversos povos que constituem a identidade brasileira, só terão eficácia na medida em que se estendam em políticas públicas que possam garantir a essas populações os direitos que lhes são inerentes, dentre eles: o acesso à saúde e educação de qualidade, segurança pública, liberdade de expressão, sobretudo, o



direito à inserção social de fato, através de oportunidades igualitárias nas frentes de trabalho e na estrutura político-econômica de um modo geral.

A inserção deste tema no currículo escolar proporciona a possibilidade da integração entre as diversas disciplinas que o compõe, engrandecendo e dando maior valor a aprendizagem dos alunos, no sentido da valorização de sua identidade, além de proporcionar uma abordagem de uma temática com aspectos heterogênicos. Assim, a educação não pode dispensar o resgate e a valorização de nossa cultura, agregando-a às propostas pedagógicas da escola.

No que diz respeito à essência deste projeto sobre o ensino da história da África, este ocorre na medida de valorizar a colaboração da cultura negra na elaboração do povo brasileiro e de sua atuação na história do Brasil. Vale ressaltar que uma vez que essa história desvende a identidade dos afro-brasileiros, irá se quebrar um paradigma que há muito tempo vem sendo reproduzida na educação brasileira, encoberta por representações inferiorizantes. A história da África permite resgatar nos afro-brasileiros a essência da história negra, que não seja apenas pelos anos de escravidão ao qual foram submetidos.

O projeto desenvolvido pelo PIBID/História no CIENB também utilizou de outros recursos para a disseminação do conteúdo. Posteriormente, contamos também com a utilização de filmes, aulas de dança, confecção de bonecas artesanais e produção de tabuleiros. Visando a efetuação completa do projeto, dividimos o projeto em etapas. Primeiramente, em conversas e debates junto aos alunos, lançamos a temática para que assim pudéssemos problematizar sobre e ter ciência de suas referências a respeito do tema. Logo após, entre os dias 10 e 12 de maio de 2015, passamos um curto questionário em que os alunos deveriam preencher com três palavras o que eles sabiam a respeito do continente africano.

Com o resultado dos questionários, elaboramos um gráfico para representar as palavras que mais eram repetidas pela classe e termos um ponto de partida para a abordagem do conteúdo. Infelizmente, percebemos que nossa tarefa seria árdua. Observamos que nossa classe possuía uma ideia muito negativa a respeito da temática, e isso estava claro nas palavras respondidas, como por exemplo: fome, animais, sofrimento, sede.



No segundo período entre os dias 20 e 22 de maio, nós, bolsistas e supervisora, solicitamos aos alunos que elaborassem uma pesquisa sobre os jogos (mancala, shisima<sup>2</sup>, yoté<sup>3</sup>, fanorona<sup>4</sup>), tendo como principais pontos: sua origem, qual sua finalidade, os modos de jogar e imagens. Tornou-se um momento de extrema importância, em virtude de muitos dos educandos terem demonstrado a quebra de paradigmas a respeito dos países africanos e pela descoberta de que os jogos de tabuleiro atuais possuem suas origens nos jogos africanos praticados pelos mesmos.

A terceira etapa constituiu-se da realização de uma pequena oficina na sala de audiovisual. Apostando em uma metodologia inovadora como aponta França & Simon (2008), em que é necessária a utilização de mecanismos tecnológicos objetivando o despertar do interesse, o estímulo da criatividade e da observação e o hábito de problematizar o conteúdo dentro dos educandos, elaboramos de um slide, reunimos diversas fotos das principais cidades, polos industriais, paisagens naturais, pontos turísticos africanos, a diversidade cultural existente dentro do continente para que fossem mostrados a eles. Durante a exposição das imagens, era interessante, entretanto, triste, como conseguíamos notar o enraizamento do preconceito existente na mentalidade dos educandos, tendo como base que o continente africano não seria capaz de possuir tal desenvolvimento ou possuir paisagens belíssimas. Nossos estudantes acreditavam que ao se tratar em continente africano, só nos remeteríamos a doenças, fome, guerras, miséria. Saímos da sala com enorme satisfação em virtude de termos conseguido quebrar uma barreira e desmistificar todo esse imaginário negativo existente ao se tratar sobre África.

## **ENSINO DE HISTÓRIA: A ARTE COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA**

---

<sup>2</sup> As crianças do país africano Quênia jogam um jogo de três alinhados chamado Shisima. Na língua tiriki, a palavra shisima quer dizer "extensão de água". Eles chamam as peças de imbalabavali, ou pulgas d'água. As pulgas d'água se movimentam tão rapidamente na água que é difícil acompanhá-las com os olhos. É com essa mesma velocidade que os jogadores de Shisima mexem as peças no tabuleiro. As crianças do Quênia desenham o tabuleiro na areia e jogam com tampinhas de garrafa. O jogo é formado por um tabuleiro e 6 peças/marcadores (3 de cada cor), tendo como objetivo colocar três peças em linha reta.

<sup>3</sup> Jogo de origem africana, o yoté é jogado com a movimentação das peças que, inicialmente estão fora do tabuleiro e vão sendo gradativamente colocadas neste, e a tomada das peças é feita como no "Jogo de Damas". A movimentação se dá sempre para uma casa adjacente, horizontal ou verticalmente, nunca diagonalmente. O tabuleiro de "Yoté" tem 30 buracos, divididos em 5 filas de 6 buracos cada. Cada jogador deve ter 12 peças de cores ou formatos diferentes, de modo a serem facilmente diferenciadas.

<sup>4</sup> O Fanorona (ou "Fanorone") é um jogo originário de Madagascar. Lá é usado em atividade divinatórias, e é jogado basicamente por pastores. Seu tabuleiro é simples, e suas peças podem ser facilmente improvisadas. Aliás, o nome "Fanorona" derivaria de "Fano", que é uma árvore, da qual se usam as sementes como peças para o jogo.





A quarta etapa fora efetuada em um dia de sábado. Por orientação do professor do PIBID, responsável pela área de África, foi passado o filme “Duma”. Lançado em 2005 e produzido por Carroll Ballard. O filme retrata a amizade entre um menino, Xan, e um guepardo (animal encontrado nas savanas africanas).

O filme torna-se muito interessante por apresentar a grande diversidade das paisagens do continente africano, como o deserto, florestas equatoriais, as savanas e os estepes, desmistificando a concepção geográfica de todos os educandos que assistiam. Outro aspecto interessante abordado no filme e que deixou os educandos com bastante curiosidade foi a aparição da “mosca do sono”, a tsé tsé. Mosca essa encontrada desde o lago Chade e do Senegal, ao oeste, até o lago Vitória, ao leste, é capaz de injetar um protozoário, levando o indivíduo a um estado de torpor e letargia. Segundo dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), 500 mil pessoas, principalmente da região subsaariana da África, são infectadas anualmente pelo parasita.

Na quinta etapa, dia 16 de junho, os alunos ficaram sob a nossa orientação, com a responsabilidade de confeccionarem os tabuleiros dos jogos. A confecção teve como principal objetivo fazer com todos os objetos que pudessem ser reciclados ou reutilizados servissem de matéria para a elaboração dos tabuleiros. Caixas de ovos, copos descartáveis, embalagens de pizza, cartolina, glitter, emborrachado, entre outros, foram materiais utilizados pelos educandos, deixando-os livres para usarem sua imaginação na produção das tábulas. A aula de confecção gerou uma grande onda de motivação por parte dos alunos, pois, os mesmos já eram praticantes de xadrez e viam nos jogos africanos uma possibilidade de aprendizado de um novo jogo.

Na sexta etapa, realizamos o torneio dos jogos. Aproveitamos que estava acontecendo a Semana de Ciências no colégio, e montamos um stand totalmente direcionado para o campeonato. Com imagens, tecidos, mapas, músicas e outros objetos, confeccionamos e adaptamos o espaço do campeonato baseado na temática da África. Foi utilizado apenas o jogo mancala, em virtude da maior afinidade dos estudantes, elaborando-se uma lista de inscrição na qual os participantes teriam que enfrentar um concorrente e assim passando de fase.

O momento de foi importante para os estudantes, na medida em que, através do lúdico estes tiveram a oportunidade de acerca da temática proposta. Foi notória a satisfação e a disponibilidade dos alunos em participar do torneio, o que foi muito importante para se atingir os objetivos de aprender e também romper com antigos preconceitos.



No dia 27/11/15, realizamos a culminância do projeto. Foi um dia de muita expectativa tanto para a comissão organizadora do evento (bolsistas e professores) e para os alunos. No auditório fizemos, exposições de fotos, o stand dos jogos africanos, poemas de personalidades africanas e um gigantesco mapa do continente africano.

Ao início, foi passado o curta-metragem “A Pequena Vendedora de Sol”, dirigido por Djibril Diop Mambéty. O filme conta a história de Silli, uma menina deficiente que resolve vender jornais nas ruas de Dakar. Logo após o término do curta-metragem, iniciou o momento de declaração dos poemas por parte de nossas alunas, que voluntariamente se apresentaram para o momento de exposição das obras africanas. Em seguida, iniciou o desfile das meninas, todas trajadas de vestimentas estilo africana. Usavam roupas longas e turbantes na cabeça, que fora orientado por uma das bolsistas do programa. Para finalizar, houve a participação do coral do colégio, que apresentou para a letra “Raiz de todo bem” do compositor Saulo Fernandes. Por fim, toda festa foi regida ao som de samba de roda e muita animação.

Após o término de todas as fases do projeto, na semana seguinte, utilizamos do mesmo questionário com o objetivo de mensurar o nível de aprendizado dos alunos a respeito da temática. Foi observado que houve uma evolução dos mesmos, e essa mudança de concepção está comprovada em virtude das palavras mencionadas por eles ao se tratar sobre a África e cultura afro-brasileira, como: música, dança, comidas, cultura. É perceptível que, utilizando jogos e uma metodologia de ensino que não se baseie apenas na sala e o quadro, somos capazes de fazer com que o aluno se sinta a vontade e tenha o interesse de interagir e aprender sobre o conteúdo, os educadores são capazes de tratar sobre quaisquer temática em sala de aula.

A experiência revelou a importância da teoria para a problematização e quebra de preconceitos. As referências utilizadas ofereceram suporte para desenvolver as discussões, bem como situar as atividades práticas dentro de um contexto problematizador das temáticas propostas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estágio apesar de ter sido em curtos oito meses, fora uma experiência de grande aprendizado e satisfação. Por não se tratar da primeira vez em sala de aula, tornou-se algo mais fácil de lidar, tanto com a abordagem e transmissão do conteúdo quanto no relacionamento com os alunos das classes. De todas as fases vivenciadas durante o período do PIBID, foram de grande



relevância ao estágio e à formação profissional. Foi possível perceber a importância da interação entre a universidade e a escola.

Desta forma, é possível notar os resultados satisfatórios e a importância do Programa Institucional de Bolsa e Iniciação a Docência tanto no âmbito acadêmico como no âmbito escolar. É essencial que todos os discentes universitários possam ter acesso a esse mecanismo que os forma o profissional, para que assim, estejam cientes da realidade da prática docente na educação básica. Desta forma ampliando o preparo para o ingresso futuro no mercado de trabalho.

## REFERÊNCIAS

A Pequena Vendedora de Sol. Direção: Djibril Diop Mambéty; 1999; Senegal. DVD (45 min).

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Decreto 7.611/2011. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC, 2004.

BRASIL. LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei n 9394, de 20 de dezembro de 1996. 5. ed. Brasília: Edições Câmara, 2010.

BRASIL: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Sala de Recursos Multifuncionais: espaços para o Atendimento Educacional Especializado. Brasília: MEC/SEESP, 2006.

BRASIL. Saberes e Práticas da Inclusão: Dificuldades Acentuadas de Aprendizagem: Deficiência Múltipla. 2. ed. rev. – Brasília: MEC, SEESP, 2003.

BERSCH, Rita; MACHADO, Rosângela. Conhecendo o aluno com deficiência física. In: SCHIRMER, Carolina et al. Atendimento Educacional Especializado: deficiência física. Brasília: MEC/SEESP, 2007.



BERSCH, Rita. Introdução à Tecnologia Assistiva. Texto complementar distribuído em cursos Tecnologia Assistiva. Disponível em [www.assistiva.com.br](http://www.assistiva.com.br), RS, 2006.

BERSCH, Rita e SCHIRMER, Carolina. Tecnologia Assistiva no Processo Educacional. IN.: Ensaio Pedagógico: Construindo Escolas Inclusivas. Brasília: MEC/SEESP, 2005.

Do Brasil, Constituição Federal, art.1º, INC.II E III, ART.3º, INC.IV.

Duma. Direção: Caroll Ballard; 2005; EUA. DVD (100 min).

FRANCA, C. S. ; Simon, Cristiano . Como conciliar ensino de História e Novas tecnologias?. In: VII SEPECH- Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas, 2008. VII SEPECH- Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas. Londrina: EDUEL, 2008.

LEI 10.639/03 – Parecer CNE nº 3/4. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

MUNANGA, Kabengele (org.). Superando o Racismo na escola. 2ª ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

Parecer CNE/CEB nº 17/2001. Brasília: CNE/CEB. Conselho Nacional de Educação & Câmara de Educação Básica (2001).

Recursos pedagógicos adaptados, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. Brasília – DF , 2006

SILVA, Elizabeth de Jesus da. Um caminho para a África são as sementes: histórias sobre o corpo e os jogos africanos mancala na aprendizagem da educação das relações étnico-raciais / Elizabeth de Jesus da Silva. – Salvador, 2011.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1991.

